

As estatísticas do poder

Economia - Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

Os 32 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha de pobreza acordaram quase ricos, na última quinta-feira, com a divulgação dos índices de crescimento *per capita* do PIB do país, em 1995. E, curiosamente, nas cifras apuradas com base em dólar, assinalou-se que a riqueza de todos fora bem maior nessa moeda do que no real.

Eis um belo achado para mostrar, aos descontentes com a política econômica do governo, que eles estão enganados, e tentar fazê-los olhar com simpatia os responsáveis por tão extraordinário feito.

Essa é a estratégia do ouro sobre azul, que aproveita, subliminarmente, de modo positivo, mesmo os lados menos favoráveis de qualquer fato, para colocar os governantes na mídia, sob a aura do sucesso, do sentimento de solidariedade humana ou de alegria, em momentos dramáticos ou festivos, a fim de garantir a adesão popular à volta deles.

As vítimas da atual política econômica — tirante a relativa estabilidade monetária — se contam aos milhões. São os dez milhões

de desempregados, os milhões de subempregados, os milhares de aposentados e pensionistas, os funcionários federais, estaduais e municipais que não têm reajuste salarial há dois anos, os empresários em crise e os trabalhadores que fazem acordo com correção zero de salários. Todos eles, a rigor, ficaram mais pobres, embora as cifras oficiais digam exatamente o contrário.

Como poderiam, portanto, beneficiar-se do aumento *per capita* do PIB? Na realidade, as estatísticas, no caso, ocultam uma brutal concentração de renda, desde 1994. É possível até que alguns brasileiros, nos dois últimos anos, tenham ingressado no seleto clube dos 400 bilionários, em todo o mundo — apenas 400! —, que possuem, segundo a ONU, 45% das riquezas da terra.

Existem outros fatores para explicar o falso enriquecimento dos pobres no país. Em julho de 94, comprava-se um dólar com 83 centavos do real. O brusco fortalecimento da moeda brasileira promoveu, então, um festival de importações, agradável a muita gen-

te, mas devastador de setores produtivos da economia nacional. Quem adquiria, à época, regularmente, jornais e revistas estrangeiras, estranhava a mágica da valorização do real, pois os preços daqueles artigos, não sendo os de gêneros essenciais, subiam mês a mês. Manteve-se, no entanto, a idéia do super-real, juntamente com o controle de preços dos serviços públicos e dos produtos das estatais, além do arrocho salarial. Assim, psicologicamente, reduzia-se o efeito da persistência da inflação, tanto mais que se extinguiria o princípio da correção monetária. Ao financiar, agora, a compra da casa própria, o governo tirou a máscara, porque recriou a correção, pelo reajuste das TRs, sem resolver o problema dos juros altos, inibidor de investimentos, criador de desemprego e responsável pelo aumento da dívida interna. As estatísticas parece quererem provar, em função de interesses políticos, que o atual governo proporciona aos brasileiros o melhor Brasil de todos os tempos, merecendo, portanto, continuar no poder por mais alguns anos.